

Boa tarde.

Bem-vindos ao II Fórum Internacional: Mulheres e Turismo, a minha voz!

Chamo-me Eduardo Moraes Sarmiento e vou ser o moderador e anfitrião.

Este fórum terá três dias de atividades com os seguinte painéis:

Painel 1 (dia 2 de junho) – A importância do género no desenvolvimento do turismo.

Painel 2 (dia 3 de junho) – Liderança feminina no turismo

Painel 3 (dia 4 de junho) – Inovação e transformação digital no turismo

De seguida gostava de:

- Cumprimentar a organização pela oportunidade desta iniciativa tão importante num momento determinante das nossas Sociedades.
- Saudar as oradoras de todos os dias, especialmente as de hoje pela sua disponibilidade para trocar as suas experiências connosco.
- Agradecer aos presentes salientando que estão registadas mais de 500 pessoas.
- Agradecer o convite que me foi endereçado para aqui estar presente.
- Elogiar toda a equipa que está na base deste Fórum e que em muitos casos tem um trabalho invisível, mas determinante para o sucesso.

Temos nos bastidores a Paola Menossi, a Luciana Prado, a Ana Cremonese, a Rayna Raiz, a Jamila Lopes, a Cassiana Gabrieli, o Luís António, o João Pedro, a Nélida Luz, a Divania Fortes, a Albertina Rodrigues, a Graça Sanches, o Tiago Rodrigues, a Ana Margarida, a Gabriela Nicolau e a Abacarina.

No âmbito deste painel de hoje, gostava de salientar que historicamente várias Organizações como a UNWTO (United Nations World Tourism Organization), o Conselho Mundial de Viagens e Turismo (a WTTC), o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial, as Nações Unidas, o Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD) entre tantas outras instituições mundiais tem vindo a alertar de forma sistemática para um problema recorrente relacionado com o papel e os direitos das mulheres.

Neste Fórum internacional teremos oportunidade de dar oportunidade de mais uma vez dar voz a quem de direito, partilhar experiências para ajudar a colmatar este desiderato e alertar as consciências para a necessidade imperiosa de

mudar um sistema ultrapassado, retrógrado onde as mulheres têm de ter uma voz ATIVA e serem tratadas com o respeito que merecem.

Gostava de poder dizer que o género não devia existir, mas sim o facto de sermos todos humanos e complementares. Precisamos todos uns dos outros. Está na hora de acabar com a discriminação, o assédio, a desigualdade e a violência em qualquer lugar, sobretudo para com as mulheres.

Como referi, com a pandemia o mundo alterou-se e várias atividades sofreram em maior ou menor dimensão com os seus efeitos nefastos. O turismo foi uma das primeiras e principais atividades que tiveram um embate sem igual. Efetivamente, os efeitos da pandemia, exacerbaram ainda mais as desigualdades existentes sobre as mulheres e raparigas em todo o mundo a todos os níveis.

Além disso, a COVID-19 causou a mais grave crise de trabalho desde a Grande Depressão dos anos 30.

Sem deslocação de pessoas não há turismo e isto é trágico, pois não só muitos países dependem do turismo para atingir novos patamares de crescimento e de desenvolvimento como ele representa uma oportunidade de emprego e de rendimentos para muitas famílias em todo o mundo.

Sabe-se que o turismo gera a nível mundial cerca de 1 em cada 11 empregos. Neste, a mão de obra feminina chega a atingir os 75%. Esta situação é apenas a ponta do véu, pois com o agravamento da pandemia, espera-se que cerca de 60% das mulheres passem a trabalhar no mercado informal, o que as põe e às suas famílias em grande risco de caírem na pobreza.

Todavia, segundo a UNWTO (2020), tendo em atenção que em muitas regiões do globo, as mulheres representam a maior parte da força de trabalho a operar no turismo, não se compreende como elas tendencialmente se continuam a concentrar nos empregos pior remunerados e com menor estatuto social nem tão pouco como elas representam um número considerável de trabalhadores não remunerados nos negócios turísticos.

Mas, tragicamente em pleno século XXI, as mulheres também não têm as mesmas oportunidades de carreira que os homens nem tão pouco auferem o mesmo ordenado pelo desempenho de funções idênticas.

Neste sentido, há que tomar medidas. Desde logo, o turismo deverá ser encarado pelas entidades competentes como uma ferramenta sustentável para se diminuir efetivamente as desigualdades de género.

Há um trabalho invisível no turismo que deve assegurar que as mulheres deixem de ser sistematicamente as vítimas e passem a ser encaradas como verdadeiros ativos empresariais.

O próprio conceito de turismo responsável que tanto se apregoa, não pode ser atingido se não se promover a igualdade de género através da garantia de igualdade de oportunidades e de direitos das mulheres e das raparigas.

Infelizmente, este caminho antevê-se longo e difícil, mas não há outro caminho ou alternativa.

Há que aprender a interiorizar-se o feminismo e a acabar com o preconceito.

Sendo o turismo uma atividade tão ampla e utilizando tanta mão de obra intensiva, não há dúvidas de que esta atividade pode gerar inúmeras oportunidades de empregabilidade bem como se pode afigurar como ímpar para se atingir a igualdade de género. Recorde-se que a nível mundial, em 2018, apenas 27% das mulheres tinham igualdade de oportunidades.

Não admira que o Secretário-Geral das Nações Unidas tenha alertado para o perigo real de se retroceder nos ganhos limitados em termos de igualdade de género e de direitos femininos obtidos nas últimas décadas devido à crise pandémica do COVID-19 o que reforça a necessidade imperiosa dos governos porem as mulheres e as raparigas no centro do esforço de recuperação.

Sabe-se que internacionalmente, o turismo não só aparece como um potenciador de emprego, especialmente feminino sendo que cerca de 46% da força de trabalho é constituído por mulheres (Rinaldi & Salerno, 2020)¹.

Todavia, infelizmente, muitas delas são alvos de segregação no mercado de trabalho tanto a nível horizontal como a nível vertical. E este problema é tão grave quanto se sabe que as mulheres não só são as mais atingidas pela crise como elas são fundamentais para a recuperação sustentada de muitas economias.

¹ Rinaldi, A., & Salerno, I. (2020). The tourism gender gap and its potential impact on the development of the emerging countries. *Quality & Quantity*, 54, pp. 1465–1477.

Quer isto dizer, que tal como as Nações Unidas preconizam, é imperioso que a recuperação de longo prazo as possa beneficiar, nomeadamente através da implementação de diversas prioridades das quais se podem destacar a mitigação à violência baseada no género e à criação de pacotes de proteção social e económica adequados às mulheres e raparigas.

Todavia, existe alguma esperança pois há entidades que acreditam que a pandemia de COVID-19 poderá proporcionar uma oportunidade única de se tomarem medidas no sentido de reduzir as desigualdades que as mulheres defrontam ou são vítimas e de construir um mundo mais justo e resiliente.

Assim o esperamos e desejamos.